

Autora da Série de Sucesso ^{os} 100

KASS MORGAN

A continuação da saga
LIGHT YEARS



O Sistema Solar está à beira da destruição.
Será a guerra a sua única esperança?

*Em memória do meu amigo David Crist: escritor,
professor, aventureiro e evangelizador sci-fi.
Obrigada por me enviares em busca
de maravilhosos mundos novos.*

CAPÍTULO 1

O RELIA

Orelia estava deitada de costas no banco estreito e rijo — a única peça de mobília naquela cela minúscula. Ali, os controlos de gravidade eram diferentes do resto da Academia. A força era tão intensa, que mal conseguia levantar o braço para coçar o nariz, quanto mais para tentar escapar. Levantar-se estava fora de questão, e até ficar sentada se revelava uma tarefa demasiado árdua ao fim de alguns minutos. Quase conseguia sentir o coração a debater-se por bombear o sangue para o corpo pesado e imóvel.

Desde o dia anterior, quando tinha sido detida pelos guardas que a arrastaram do escritório de Zafir, que ninguém lhe dizia uma palavra. Nem sequer tinha certeza do que a acusavam ao certo. Teriam percebido que era uma

specter? Ou estaria a Frota Quatra simplesmente desconfiada do seu conhecimento do conjunto de frequências que os specters usavam (uma vulnerabilidade que Orelia tinha explorado para ajudar os seus colegas de esquadrão a destruir a nave que se dirigia para a Academia)? Se fosse a primeira hipótese, então não havia dúvidas de que estes fôlegos difíceis seriam os últimos. Seria torturada e interrogada pelos agentes superiores de espionagem da frota, talvez até pelo próprio Zafir. Orelia estremeceu ao imaginar o rosto que outrora lhe tinha feito palpitar o coração a fitá-la inexpressivamente, enquanto ela se contorcia de dores.

Fechou os olhos e obrigou os pulmões exaustos a inspirarem profundamente algumas vezes, enquanto se debatia contra a sensação de pânico que a invadia, como se de um gás tóxico se tratasse. Passara a vida inteira a treinar para esta missão, e apesar do enorme perigo, fora bem sucedida. Conseguira infiltrar-se na Academia da Frota Quatra, calcular a sua localização ultrassecreta e transmitir as coordenadas ao seu oficial de comando em Sylvan. Graças a Orelia, os sylvanos podiam finalmente lançar a campanha que planearam durante tantos anos — um ataque debilitante no coração das operações militares da Federação Quatra, a Academia da Frota Quatra. Mas, no último instante, Orelia não foi capaz de ver os sylvanos a matarem os seus primeiros amigos de verdade e tomou a dilacerante decisão de sabotar o ataque, sugerindo aos colegas de esquadrão que usassem um impulso energético para queimar o conjunto de frequências da nave sylvana, destruindo-a. O plano resultou, mas teve consequências devastadoras. Todos os

sylvanos a bordo da nave morreram e os quattranos ficaram imediatamente desconfiados do conhecimento de Orelia acerca da tecnologia specter.

A porta sibilou ao abrir e Orelia estremeceu. Sentia a cabeça pesada demais para a conseguir mexer, o que a obrigava a ficar deitada, tensa e quieta, enquanto o som de passos avançava na sua direção.

— Olá, Orelia — disse uma voz profunda que lhe era familiar. Ela conseguiu virar a cabeça apenas o suficiente para ver Zafir e a Almirante Haze de pé, à entrada da cela.

— Podes sentar-te, por favor? — Zafir premiu o comunicador e o peso que prendia Orelia ao banco desapareceu. Mexeu os dedos com hesitação e fletiu os pés algumas vezes antes de se virar de lado e tentar empurrar-se até à posição de sentada. Quando chegara à Academia, estava na sua melhor forma física de sempre — um estado que mantivera durante as terríveis sessões de treino diário —, mas as longas horas que passara na cela haviam enfraquecido os seus músculos o suficiente para fazer até daquele ato tão simples uma tarefa difícil.

Olhou de relance para Zafir, que entrara na cela e agora a observava com uma expressão indecifrável no seu bonito rosto. Há poucos dias, teria parecido a coisa mais natural do mundo ele estender a mão para a ajudar a sentar-se. Ainda conseguia sentir os vestígios do calor que se espalhara pelo seu corpo da última vez que ele lhe tocara. Mas desta vez, os braços de Zafir permaneceram colados ao corpo, enquanto observava Orelia a debater-se para se sentar com as costas contra a parede.

Ela sabia que não devia ficar surpreendida com o seu afastamento; embora tivessem a mesma idade, ele era um dos oficiais mais bem-sucedidos da equipa de espionagem da Frota Quatra. À semelhança de Orelia, tinha sido treinado para manter o profissionalismo em qualquer situação, mesmo que isso implicasse interrogar a rapariga que o beijara no tanque do oceano. A não ser que — uma nova onda de medo abateu-se sobre si —... a não ser que ele soubesse o segredo dela desde o início e tivesse fingido a atração para se aproximar dela. Poderia ele ter realmente fingido aquele olhar naquela noite? A ternura e intensidade com que a beijara de volta?

— O que se passa? Que estou aqui a fazer? Deve ter havido algum engano... — Não era preciso muito esforço para parecer confusa e assustada, em vez de culpada e assustada.

— Podes parar com o teatrinho — disse a Almirante Haze de forma gélida. — Diz-nos o teu nome.

— Orelia.

— O teu nome *verdadeiro*.

— Este é o meu nome verdadeiro. — Era verdade. Não houvera necessidade de encontrar um nome falso. Tanto quanto sabiam, os quattranos nunca tinham visto um presumível specter, quanto mais compilado uma base de dados de conhecidos agentes secretos.

A Almirante Haze olhou furiosamente para Orelia, assentindo depois com a cabeça na direção de Zafir. O gesto quase impercetível foi o suficiente para provocar em Orelia um sinistro arrepio na espinha, enquanto se questionava

quantas vezes eles já teriam executado aquela rotina: Haze afastar-se para deixar que o perito de contraespionagem e mestre interrogador fizesse aquilo que sabia fazer melhor — extrair informações de participantes não voluntários.

— Como sabias das frequências múltiplas? — perguntou Zafir, com um tom de voz surpreendentemente ligeiro, como se estivessem de volta à sala de aulas e não numa cela de alta segurança.

— Já lhe disse. Acho que foi um palpite de sorte.

Ao lado dele, a Almirante Haze cruzou os braços e fitou-a, mas Zafir limitou-se a erguer o sobrolho.

— Tens uma mente impressionantemente analítica, Orelia. Duvido seriamente que alguma vez tenhas recorrido a palpites. — Ele parecia mais divertido do que acusatório, mas isso só fazia com que a situação parecesse ainda mais assustadora. Não importava que a sua vida estivesse em risco; para ele, isto era apenas um jogo. *Tudo é apenas um jogo.*

— OK — disse ela. — Nós tentámos uma série de opções, mas nenhuma funcionou. O impulso energético através das frequências múltiplas parecia improvável, mas mesmo assim valia a pena tentar.

— Sabemos que enviaste a mensagem encriptada com as coordenadas — disse a Almirante Haze, ignorando o gesto subtil de alerta de Zafir, e abandonando qualquer que fosse o plano que tinham combinado. — As câmaras de segurança apanharam-te a cirandar por áreas restritas. *Tu* foste a responsável pelo ataque mais recente. Por isso, ou estás a espiar para os specters, ou — interrompeu-se

a si mesma, como se a segunda hipótese fosse demasiado perturbadora para se dizer em voz alta.

— Ou então *és* uma *specter* — continuou Zafir, muito calmamente.

Os anos de treino entraram em ação, permitindo a Orelia manter a voz e a respiração estáveis, não obstante o bater frenético do seu coração.

— Uma *specter*? — repetiu, com toda a incredulidade que conseguiu mostrar.

— Já chega — disse a Almirante Haze, bruscamente. — Temos provas suficientes para te prendermos em Chetire para o resto da tua vida. Se conseguires lá chegar, isto é. A Federação Quatra sabe que capturámos um espião que pôs todo o sistema solar em risco e temos autoridade legal para usar os meios que forem necessários para extrair de ti todas as informações. Se te recusares a contar-nos a verdade, o Tenente Prateek será forçado a recorrer a métodos menos agradáveis.

Orelia olhou para Zafir, procurando desesperadamente no seu rosto sinais de compaixão, alguma indicação de que faria o seu melhor para a proteger. Mas a sua expressão continuava tão imperscrutável como sempre.

Ela tinha sido treinada para resistir a interrogatórios. Tinha sido a parte mais assustadora e difícil da sua preparação intensa, mas Orelia aprendera a ficar calma e a aguentar a dor. *Esta nunca vai quebrar*, dissera o duro instrutor ao Comandante Geral, enquanto Orelia permanecia caída numa cadeira, debatendo-se para respirar outra vez com normalidade, depois de ter sido privada de oxigénio.

Muito em breve, descobririam se o instrutor estava realmente certo ou não.

— Julgo que não será necessário, Almirante — disse Zafir, virando-se para Orelia. Em vez do brilho sádico que sempre associara aos interrogadores, os olhos de Zafir pareciam inundados de algo semelhante ao deslumbramento. — Tu és uma specter.

— Isso é ridículo — disse ela rapidamente. Não podia admitir a verdade sob circunstância alguma. Era melhor sofrer uma morte terrível e violenta do que pôr todo o seu povo em perigo.

O rosto de Zafir endureceu ligeiramente enquanto levava a mão ao casaco e tirava um objeto de metal que Orelia não reconheceu.

— Muito bem. Se não estás com vontade de cooperar, existem outras formas de descobrir a verdade.

Orelia inspirou profundamente e expirou lentamente, tentando preparar-se para o que estava prestes a acontecer. Uma parte de si sempre soubera que um dia seria obrigada a suportar a tortura, mas nunca imaginou que a primeira pessoa a torturá-la fosse também a primeira de quem alguma vez gostara.

— Vou perguntar-te mais uma vez — disse Zafir com uma compostura inquietante, enquanto se aproximava do banco. — És uma specter?

— É claro que não. Não sei do que estão a falar.

Zafir debruçou-se com o objeto de metal na direção de Orelia, que se desviou, conseguindo, mesmo assim, roçar no braço dela. Orelia sentiu um ligeiro formigueiro e

preparou-se para o agonizante golpe de dor que certamente se seguiria, mas para sua confusão e alívio, Zafir recuou. Segurou o objeto no ar e semicerrou os olhos enquanto o examinava, franzindo a testa ao olhar para um pequeno ecrã em que Orelia não tinha reparado. À medida que o medo se desvanecia, Orelia percebeu que não se tratava de um instrumento de tortura. Era algo muito mais perigoso do que isso.

— Qual é o resultado? — perguntou a Almirante Haze.

— O ADN dela corresponde à estrutura das amostras que recolhemos da nave specter. — Orelia percebeu que Zafir fez um esforço considerável para manter a voz firme quando se virou e disse: — Isto é extraordinário. Tu és uma specter. Embora, certamente, não seja esse o nome que te atribuis, pois não?

O seu cérebro procurou rapidamente uma explicação: o digitalizador de ADN não estava a funcionar bem ou fora contaminado. No entanto, as negações desfizeram-se na sua boca assim que percebeu a expressão no rosto de Zafir. Ele sabia a verdade e, pela primeira vez desde que saíra do seu planeta, o facto enchia-a mais de alívio do que de terror.

— Não. — Orelia olhou-o nos olhos. — Sou sylvana. — Era a primeira vez que dizia aquela palavra em voz alta, desde que chegara ao Sistema Quatra.

— Sylvana — repetiu Zafir, franzindo o sobrolho. — Quantos mais existem na Academia?

— Só eu — disse Orelia, rapidamente.

— Quantos mais existem no Sistema Quatra? — O tom frio regressara à sua voz e todos os vestígios de deslumbramento desapareceram do seu olhar penetrante.

— Só eu — repetiu ela. — Sou a única.

— Isso é ridículo — disse a Almirante Haze com um resfolegar de desdém. — Por que motivo te enviariam sozinha? Seria claramente uma missão suicida. Se és realmente uma specter, deve haver mais como tu infiltrados por todo o Sistema Quatra.

— Estou a dizer-vos a verdade. Sou a única.

A Almirante Haze semicerrou os olhos, ao aproximar-se de Orelia.

— O que querem os specters de nós?

Orelia fitou-a, questionando-se se aquilo seria um truque. Olhou para Zafir à procura de algum esclarecimento, mas a expressão do agente de contraespionagem tornara-se inquiridora e urgente.

— Não queremos nada de vocês — disse calmamente.

— A única coisa que queremos é que parem de nos matar.

— Então talvez não nos devessem ter atacado sem provocação — disse a Almirante Haze com frieza.

Eles não sabem mesmo, pensou Orelia à medida que a sua confusão se transformava em incredulidade. Durante a sua primeira semana na Academia, descobrira que os cadetes e os instrutores viviam sob a falsa impressão de que os *sylvanos*, não os quattranos, os tinham atacado primeiro. Mas nunca se apercebera até que ponto a mentira se espalhara. Nem sequer os oficiais superiores da Frota Quatra pareciam ter conhecimento da verdade.

— Mas não o fizemos — disse Orelia, com cuidado para que a sua voz fosse firme sem ser acusatória. — Há 15 anos tridianos, a Frota Quatra enviou uma sonda para recolher

amostras do solo sylvano. Alguns meses depois, chegaram três naves de combate e bombardearam a nossa capital.

— Isso é impossível. Nunca uma nave de guerra de Quatra conseguiu chegar até ao vosso planeta — disse a Almirante Haze, bruscamente.

— Isso foi o que vos disseram. Mas é mentira.

— Isto está a tornar-se ridículo. Tenente Prateek, tem dez minutos para extrair a verdade desta rapariga, senão mando vir alguém que consiga dar conta do recado. Temos um assistente que foi programado para inquirir inimigos do estado. Tem uma taxa de sucesso de 100 % e até limpa depois de fazer o seu trabalho, por muito sangue que deixe no chão.

— Só um momento, Almirante — disse Zafir, virando-se novamente para Orelia. — Que tipo de amostras de solo? Sabes do que a sonda andava à procura?

— Sei. De fyron — disse Orelia, usando a palavra quatrana para o mineral.

Zafir e a Almirante Haze entreolharam-se com espanto.

— Tens a certeza? — perguntou Zafir.

— Tenho. Depois do primeiro bombardeamento, tornou-se claro que os quatrano estavam dispostos a matar cada sylvano do planeta para chegarem ao fyron. Foi por isso que lançámos a tentativa de retaliação. — Respirou fundo e fechou os olhos. — E foi por isso que me enviaram para aqui, para transmitir as coordenadas da Academia.

— É a história mais absurda que alguma vez ouvi — disse Haze, enquanto se movimentava com desconforto, olhando para Zafir pelo canto do olho. — Não existe registo de uma missão dessa natureza.

— Isso não quer dizer que ela não tenha existido — a voz de Orelia aumentou de volume, com a exaustão a afastar momentaneamente o desespero.

Haze dirigiu a Orelia um longo e intenso olhar que a deixou feliz por a Almirante ser mãe de Vesper e não sua. Depois, virou a cabeça para o lado e focou o seu olhar penetrante em Zafir.

— Podemos confiar nela?

Orelia não sabia se a Almirante estava a pedir a opinião dele enquanto perito de contraespionagem ou antigo professor. Ela não podia saber do beijo de ambos no tanque do oceano, quando Zafir olhou para Orelia com uma expressão que nunca vira dirigida a si. Como se tivesse vislumbrado a sua verdadeira natureza, e isso tivesse sido o suficiente para o fazer beijá-la também.

Os olhos dele percorreram-na e, por instantes, Orelia sentiu alguma da sua ansiedade a desaparecer. Zafir ia acreditar nela. Ele ia entender que ela fizera o melhor que podia, considerando a posição terrivelmente difícil em que tinha sido posta.

Quando falou, a sua voz era tão suave, que Orelia demorou um instante a processar o significado das suas palavras. Parecia quase divertido quando disse:

— Ela é a última pessoa em quem confiaria.

CAPÍTULO 2

A R R A N

— **E** stás bem? — perguntou Vesper, olhando para Arran com preocupação, enquanto caminhavam apressadamente pelo corredor apinhado, em direção ao cais de lançamento, onde tinham de se apresentar para o seu turno de patrulha. Desde o ataque specter, a Frota Quatra triplicara a segurança em volta da Academia, exigindo tanto pessoal extra, que até aos cadetes do primeiro ano eram atribuídos turnos de patrulha.

— Não sei bem como responder a essa pergunta — disse Arran com um sorriso triste. Há poucos dias, o esquadrão a que pertenciam tinha conseguido evitar um ataque specter à Academia; estavam ainda a recuperar daquele encontro tão próximo com a morte, enquanto se preparavam para o ataque maior que agora parecia inevitável. Mas era impossível

concentrarem-se na tarefa que tinham pela frente, quando uma das colegas de esquadrão, Orelia, estava desaparecida. Ele não vira nem tivera notícias de Orelia durante quase dois dias, apesar de lhe ter enviado oito mensagens e de ter ido inúmeras vezes ao quarto dela.

Vesper soltou uma pequena gargalhada.

— Não estou a falar do sentido existencial mais lato, obviamente. Só que me pareceste particularmente tenso ali atrás.

Arran olhou por cima do ombro, para os guardas por quem tinham acabado de passar. Eram cerca de uma dúzia alinhados em cada lado do corredor, com as viseiras dos capacetes descidas sobre os rostos. Tinham chegado poucas horas depois de o esquadrão de Arran ter rebentado com a nave specter, e embora fosse evidente que estavam ali para proteger os cadetes, isso não se sobrepunha ao medo que se alojara no seu coração palpitante.

— Não estava à espera de ver tantos guardas — disse, com um encolher de ombros.

— Depois de enfrentar os specters, são os *guardas* que te deixam nervoso? — perguntou Vesper, com um sorriso provocador. — Estás com medo de que te passem uma multa por excesso de velocidade?

— Não são essas as coisas que nos preocupam em Chetire — disse Arran, calmamente. No planeta coberto de gelo onde nascera, o mais remoto do sistema solar, os guardas serviam como lembrete visual constante de quem realmente mandava — os quattranos ricos, donos das minas, a quem o governo autorizava que agissem com impunidade.

Usavam guardas pagos pelo governo para servirem de serviço de segurança privado, acabando com as greves de trabalhadores e silenciando qualquer pessoa que fosse mais corajosa, desesperada ou suficientemente tola para protestar contra o tratamento cruel dos mineiros.

Vesper comprimiu os lábios e ficou com uma expressão arrependida.

— Desculpa. Continuo a esquecer-me de como as coisas são diferentes nos outros planetas.

— Não faz mal. Tenho de me lembrar de que os guardas estão aqui para impedir que os specters me rebentem pelos ares, não para me darem uma coça. — Baixou a voz. — Já sabes de alguma coisa sobre a Orelia?

Ela abanou a cabeça com uma expressão sombria, depois baixou os olhos para o comunicador e passou os olhos por uma mensagem, corando ligeiramente.

— Presumo que as coisas com o Rex já estão bem outra vez? — disse Arran a sorrir, apesar da ansiedade que lhe comprimia o estômago.

— Não sei bem. Talvez. Acho que sim. — Parecia involuntariamente indecisa e o rubor do seu rosto intensificou-se. — Parece-me um pouco idiota preocupar-me com uma coisa destas, considerando tudo o que está a acontecer.

— Não é nada idiota. Se não nos permitirmos ser felizes, então estamos a lutar para quê? — Apesar dos seus melhores esforços, Arran não conseguiu afastar um tom melancólico da voz, o que originou um sorriso solidário da parte de Vesper, uma das únicas pessoas a quem tinha contado a sua separação de Dash.

Arran tinha passado as primeiras semanas do período numa paixão doida por Dash, analisando ao pormenor todas as interações dos dois, enquanto o seu cérebro se esforçava por conciliar os sinais exteriores de interesse com a verdade irrefutável — ninguém tão bonito, inteligente e encantador como Dash iria alguma vez apaixonar-se por um cheteriano estranho como ele. O seu ceticismo era ainda complementado por Dash ser filho do Almirante Larz Muscatine, o opositor mais notório à inclusão de colonizadores na Academia da Frota Quatra. Contudo, o persistente e desarmante Dash acabara por convencer Arran a confiar nele, e durante algumas maravilhosas semanas, Arran teve a sua primeira experiência de felicidade verdadeira. Depois disso, há poucos dias, Dash disse-lhe que tinham chegado aos ouvidos do seu pai notícias sobre a relação de ambos e que se não acabasse tudo com ele, teria de abandonar a Academia. Dash — o primeiro rapaz que Arran alguma vez amou, o primeiro rapaz que alguma vez beijou, a primeira pessoa que fez com que sentisse que era importante, que merecia o futuro com que tanto sonhava — deixara-o há algumas semanas. Os pedaços despedaçados do coração de Arran ainda estavam cravados no seu peito como estilhaços de uma granada.

— Olá — disse Sula, caminhando ao lado de Vesper e Arran. — Vocês os dois estão de patrulha esta tarde?

— Estamos — disse Arran, enquanto Vesper assentia brevemente com a cabeça, com a atenção novamente concentrada no comunicador. — É a tua primeira?

— Tive o meu primeiro turno ontem — disse Sula, esfregando os olhos. — Cinco horas seguidas a olhar para o ecrã de um radar.

Arran franziu o sobrolho, olhando para ela com preocupação.

— Não te deviam dar turnos seguidos assim.

— Oh, eu nem me importo — disse ela com um sorriso cansado. — É agradável sentir que estamos mesmo a fazer qualquer coisa, sabes? Gosto de pensar que a minha irmã mais nova dorme melhor sabendo que estou aqui em cima, a ajudar a mantê-la em segurança.

O coração de Arran ficou apertado ao pensar na mãe a parsecs de distância, em Chetire, sozinha na sua cabana quase vazia e imaculada.

— Sei — respondeu calmamente. Mas antes de poder dizer mais alguma coisa, o seu monitor buzinou-lhe ao ouvido. — *Apresente-se imediatamente no gabinete do superintendente. Com base na sua localização atual, o seu tempo de viagem estimado é de oito minutos.* — Pela expressão do rosto de Vesper, era evidente que acabara de receber a mesmíssima notificação.

Pediram licença, dizendo a Sula que iam ter com ela ao cais de lançamento, e apressaram-se a ir para a ala administrativa.

— Fazes alguma ideia de que se trata? — perguntou Arran, com um nó de medo a formar-se no estômago.

— Nem a mais pálida — disse Vesper, tentando fazer uma voz animada. Mais do que qualquer outro na Academia, a filha da superintendente sabia que uma convocação daquelas raramente acabava bem.

Quando viraram para o corredor que dava acesso ao gabinete da Almirante Haze, Arran viu Rex a aproximar-se, vindo de outra direção. Quando os viu, a sua expressão sombria suavizou-se e levantou a mão para os cumprimentar.

— Presumo que tenhamos sido convidados para uma festa surpresa, certo?

Vesper revirou os olhos e dirigiu um sorriso afetuoso a Rex, que fez com que qualquer coisa no peito de Arran se contraísse, num misto de felicidade e mágoa. Os sensores no exterior do gabinete da mãe de Vesper detetaram a presença dos três, e a porta deslizou antes de terem tempo de aproximarem os comunicadores ao leitor. Para grande surpresa de Arran, a Almirante Haze não estava sozinha. O Comandante Stepney, diretor da Frota Quatra, estava de pé ao lado da sua secretária, com a expressão mais solene que Arran alguma vez vira no seu rosto.

A Almirante Haze não perdeu tempo e foi logo direta ao assunto.

— Obrigada aos três por terem vindo. O que estou prestes a contar-vos é extremamente confidencial. Tão confidencial, de facto, que nenhum de vós devia saber o *nome* deste nível de autorização de segurança, quanto mais a informação propriamente dita. Mas, considerando as circunstâncias extraordinárias, foi-me concedida permissão para vos informar. A Orelia foi presa sob suspeita de traição.

Fez uma pausa e observou o rosto dos cadetes, procurando uma centelha de reconhecimento — um sinal de que de alguma forma já sabiam ou suspeitavam. Mas,

a avaliar pelo silêncio atordoado, era evidente que Vesper e Rex estavam tão espantados como Arran.

— Acreditamos que a Orelia andava a transmitir informações aos specters — continuou a Almirante Haze. — O seu conhecimento do impulso energético através da frequência levantou algumas suspeitas e, depois de algumas investigações, descobrimos que algumas semanas antes alguém entrou no centro de comando e enviou uma mensagem para o exterior com as coordenadas da Academia. Agora, vou perguntar-vos isto uma única vez: alguma vez repararam em algo de invulgar no comportamento da Orelia? Se sabem de alguma coisa, falem agora e não serão sujeitos a qualquer medida disciplinar. Mas este acordo dura apenas enquanto estiverem no meu gabinete, por isso ponderem bem as vossas ações.

A cabeça de Arran tinha começado a rodopiar; sentiu-se zozzo e mais desorientado do que durante a sua primeira viagem de vaivém, em que vira o chão a cair por baixo de si. Orelia crescera em Loos. Tinha 11 anos quando os specters destruíram a capital onde vivia. Como podia alguma vez trabalhar para os insensíveis, implacáveis assassinos que mataram meio milhão de pessoas?

— Com todo o respeito, isso não faz sentido. Por que motivo havia ela de querer ajudar os specters? E além disso, como é que eles a contactaram? Não entendo como... — A sua voz desvaneceu-se quando o comandante da Frota Quatra o fitou intensamente.

— Não, ela não estava apenas a ajudar os specters. Ela é uma specter.

Arran ficou a olhar para o Comandante Stepney; o seu cérebro já estava tão exausto, que simplesmente não era capaz de retirar sentido das suas palavras.

— Desculpe, como? — disse Rex, ecoando o emaranhado de pensamentos confusos de Arran.

— A vossa colega de esquadrão é uma espia specter que se infiltrou na Academia, fazendo-se passar por cadete. A própria admitiu-o durante o inquérito.

O verdadeiro significado de *inquérito* tornou-se subitamente nítido na sua cabeça: *interrogatório*. A proibição técnica que a Frota Quatra empregava em relação à tortura não se estendia a pessoas acusadas de traição, um termo amplamente definido que podia ser aplicado a uma variedade de cenários.

— Onde está ela? — perguntou Arran subitamente, surpreendido com a sua própria veemência. — O que lhe estão a fazer?

O Comandante Stepney disparou um olhar gélido na sua direção.

— Perturba-me perceber que estás mais preocupado com o bem-estar de uma espia do que com o do Sistema Quatra. E mais, acho espantoso que nenhum de vós se tenha apercebido de que havia qualquer coisa na rapariga que não batia bem. Quantas horas passaram juntos, exatamente?

Arran estremeceu à medida que as palavras libertavam uma onda de vergonha. Nunca devia ter falado daquela maneira com um comandante da Frota Quatra, quaisquer que fossem as circunstâncias.

— Mas a Orelia nunca fez nada suspeito — disse Vesper com cuidado, olhando de Arran para Rex, que assentiram em sinal de concordância. — Era uma miúda calada, mais nada. E foi ela quem descobriu como podíamos rebentar com a nave. Ela salvou a vida de todos nós.

— Pois, mas não teria tido necessidade de salvar a vida de ninguém, se não tivesse enviado as coordenadas aos specters. — O Comandante Stepney estava quase aos gritos. — E agora o nosso inimigo conhece a nossa localização exata.

A Almirante Haze avançou, posicionando-se entre o Comandante Stepney e os cadetes.

— Se eles dizem que não repararam em nada de suspeito, acredito neles.

Quando Stepney voltou a falar, a sua voz era gélida.

— Acho que é melhor continuarmos esta discussão em privado. — Virou-se para Arran, Vesper e Rex. — Estão os três dispensados.

Os cadetes fizeram continência e apressaram-se a sair, sem abrirem a boca até chegarem à ala administrativa. Foi Arran quem quebrou, finalmente, o silêncio.

— Isto tem de ser um engano, não? Como é possível que a Orelia seja uma... — comprimiu os lábios, incapaz de dizer aquela palavra.

— Não faço ideia — disse Rex, abanando a cabeça. — Alguém teve de transmitir as coordenadas e, mesmo sem vermos as imagens de vigilância, temos de admitir que é estranho a Orelia saber da existência das frequências múltiplas.

Uma chama de fúria surgiu por entre a nuvem de confusão.

— A sério? — perguntou Arran, bruscamente. — Ou talvez tenha havido uma enorme falha nos serviços de informação e agora seja mais fácil culpar um cadete do que assumir a sua própria responsabilidade.

— Talvez — disse Rex, sem se deixar perturbar pela explosão de Arran. — Mas não acredito realmente que seja isso que se está a passar. Por muito que nos custe a admitir, temos mesmo de encarar a verdade — a Orelia não era quem afirmava ser.

CAPÍTULO 3

V E S P E R

Aquela era uma patrulha de voo real, não uma sessão de treino no simulador ou a breve missão que o Esquadrão 20 recebera como prémio por ter vencido o torneio. As naves seriam pilotadas por oficiais da frota plenamente qualificados — os cadetes de primeiro ano, como Vesper e Arran, só lá estavam para analisar os ecrãs dos radares. Mas quando Vesper subiu os degraus até à nave de combate, sentiu uma pontada de saudade ao virar para o lado direito, em direção à zona dos técnicos, em vez de para o lado esquerdo, onde se situava o lugar do piloto. Não importava que nunca tivesse pilotado nada tão grande como uma nave de combate; o desejo de agarrar os controlos era como uma dor física. Sentia saudades de tudo o que dizia respeito à pilotagem, mas naquele dia sentia

falta, principalmente, de como lhe exigia uma concentração absoluta, afastando o seu pensamento de tudo o que não fosse essencial. Desde que tinham saído do gabinete da mãe que o seu cérebro não parava de girar descontrolado. Como podia Orelia ser uma *specter*?

Um éon não parecia ser tempo suficiente para que Vesper conseguisse entender esta revelação devastadora e extraordinária. Nunca ninguém tinha *visto* realmente os seres elusivos e violentos que há décadas lançavam os seus ataques letais no Sistema Quatra. Todas as naves inimigas que a frota conseguia abater eram atingidas no espaço a grandes distâncias, fazendo com que fosse impossível ter sequer um vislumbre dos assassinos sedentos de sangue que viajavam no seu interior. Era por isso que se chamavam *specters*, porque pareciam espetros, fantasmas. Ninguém sabia se eram parecidos com os quattranos ou se pertenciam a um género completamente diferente. Mas a avaliar pela capacidade que tinham de matar milhões sem sequer estabelecerem contacto, a maior parte das pessoas presumia que os *specters* eram uma forma de vida alienígena — não uma rapariga sossegada e loura que, quando finalmente começara a falar, demonstrara uma bondade e empatia surpreendentes. Já era suficientemente difícil entender por que motivo Orelia passaria informações aos *specters*, quanto mais acreditar que era um deles.

Ainda assim, isso não fora o suficiente para Stepney. O estômago de Vesper contorceu-se ao recordar a expressão de desdém no rosto do comandante quando gritou com eles. Ela dedicara os últimos cinco anos da sua vida

a conquistar um lugar na Academia, e depois trabalhou incansavelmente para se distinguir durante o primeiro período. Contra todas as probabilidades, o seu esquadrão vencera o torneio e destruíra a nave specter que se dirigia à Academia. Mas agora, o comandante da Frota Quatra estava furioso com eles e todo o seu trabalho árduo fora em vão.

Ao contrário dos caças, que tinham uma única cabina, as naves de guerra eram bastante maiores e tinham vários níveis. Arran e Vesper ficariam instalados no convés principal, observando o radar em busca de atividade inimiga, enquanto Sula se apresentaria ao serviço na sala de controlo, um piso abaixo, perto da zona de armazenamento de armas. «Permaneçam sentados para o lançamento», a voz do copiloto troou aos ouvidos de Vesper. Assim que entraram a bordo da nave, os seus comunicadores sincronizaram-se imediatamente com a rede da embarcação.

O anúncio foi seguido por uma série de apitos baixos que sinalizavam que a nave estava em movimento ao longo dos carris do cais de lançamento, em direção à câmara de ar, e que em breve sairia da Academia. Vesper sentiu um ligeiro tremor quando o lado a bombordo da nave bateu contra o lado do hangar. Normalmente, este tipo de acontecimento fazia com que suspirasse de forma dramática, provocando um revirar de olhos afetuosos em Arran. Mas naquele momento, tinha coisas muito mais importantes em que pensar do que prestar atenção a um lançamento mal executado. Não conseguia parar de esmiuçar todos os pedaços de informação que sabia sobre Orelia. Não eram muitos. Durante as primeiras semanas, Orelia mal falava

durante as sessões de treinos no simulador. Ninguém era assim *tão* tímido. Agora que pensava nisso, talvez devesse ter sido evidente que Orelia guardava um segredo qualquer.

Olhou de relance para Arran, que parecia igualmente perdido nos seus pensamentos enquanto olhava inexpressivamente para o monitor, algo que fazia cada vez mais, desde que se separara de Dash. Gostava de poder fazer alguma coisa por ele, de pôr algum juízo na cabeça do tolo do seu amigo de infância, principalmente agora que Arran precisava do apoio de Dash mais do que nunca. De todos, era ele o mais próximo de Orelia e esta notícia afetava-o mais profundamente. Agora não era o momento para permitir que o orgulho ou um mal-entendido separasse duas pessoas que estavam evidentemente apaixonadas. Mas tinha demorado a maior parte do período a ganhar a confiança de Arran e suspeitava de que ele jamais lhe perdoasse se ela tentasse meter-se no assunto.

Vesper sentia-se grata por ela e Rex terem conseguido avançar depois da enorme discussão durante a festa de fim de período, quando descobriu que ele sabotara propositadamente a primeira batalha para ganhar uma aposta — uma derrota que fizera a supercompetitiva Vesper mergulhar numa espiral negativa. Ela perdoou-lhe por ele a ter enganado e ele, por sua vez, perdoou-lhe pelas coisas cruéis que ela lhe disse quando estava zangada — farpas que ainda agora a faziam estremecer quando pensava nelas. Mas, por algum motivo, Rex não se aborrecia com as ocasionais explosões de Vesper. Ao contrário do antigo namorado dela, Ward, que lhe dizia sempre para «relaxar» e «parar de

ficar tão irritada», Rex parecia apreciar a sua intensidade. Reprimiu um sorriso, pensando na mensagem que ele lhe enviou antes do início do turno: *Vens ajudar-me com a gravata antes do jantar? Não me lembro daquele truque que me ensinaste...*

Dash emprestara a Rex um conjunto extra de roupas de gala para os jantares formais da Academia, e da primeira vez que o usara, há algumas noites, mandara uma mensagem a Vesper para ela o ajudar com a gravata — mas a visita acabara com os dois a usarem muito menos roupa do que aquela com que tinham começado. Ela não tinha a menor dúvida de que o altamente competente Rex, que de entre todos os cadetes do primeiro ano teve a nota mais alta no teste de aptidão, conseguia perceber sozinho o mecanismo do nó da gravata. Mas ficava feliz que ele mantivesse a charada durante mais algum tempo.

«Atingida a velocidade de cruzeiro. Regressar às operações normais.» Vesper abriu o arnês e, juntamente com Arran, começou a passar revista aos ecrãs dos radares, procurando qualquer movimento invulgar nos horizontes do sistema solar. Era um trabalho aborrecido e ao mesmo tempo enervante. As naves specter eram indetetáveis quando viajavam à velocidade da luz, o que significava que podiam aparecer nos arredores do Sistema Quatra sem qualquer aviso.

— Algum movimento? — Vesper virou-se para trás para ver a Capitã Arrezzo a atravessar o convés em direção à divisão de navegação; tinha um ar poderoso e elegante, no seu uniforme branco com botões de bronze brilhantes.

— Nada, Capitã — disse Arran, enquanto Vesper abanava a cabeça.

Arrezzo franziu o sobrolho, com a atenção agora concentrada no seu comunicador. — A Sula está a relatar algumas leituras inconsistentes no sistema elétrico. Korbet, podes verificar?

— É para já. — Arran fez continência e apressou-se. Embora, oficialmente, os cadetes de primeiro ano não tivessem especializações, as capacidades técnicas de Arran não tinham passado despercebidas aos professores.

No preciso instante em que Arran entrou no átrio que ligava o convés principal às escadas, o ar foi sacudido por um solavanco esmagador que fez a nave inclinar-se lateralmente. Enquanto piloto, Vesper não se deixava perturbar, habitualmente, por movimentos súbitos e agonizantes, mas isso era quando estava num pequeno caça, não numa enorme nave de guerra. Sem conseguir segurar-se a tempo, saiu disparada do seu lugar e bateu contra a parede com um baque doloroso.

— Fomos atingidos! — gritou o piloto. Mesmo àquela distância, Vesper conseguia ver os nós dos dedos dele a ficarem brancos à medida que usava toda a sua força para controlar a nave inclinada. — Estão todos bem?

A Capitã Arrezzo continuava de pé, agarrada à parede com uma das mãos, enquanto falava para o seu comunicador.

— São specters. Posições de ataque. — A sua voz calma e firme soou nas colunas de som. Depois baixou o pulso e passou os dedos por várias configurações no ecrã do radar.

— De onde raio vieram eles? — resmungou. — Viste alguma coisa antes do impacto?

— Não, não havia aqui nada — disse Vesper, enquanto fitava o ecrã do radar, meio atordoada. — Vou mostrar-lhe a gravação dos últimos minutos. — Os tremores já tinham acalmado o suficiente para Vesper conseguir cambalear até ao lugar, mas quando chegou à cadeira, percebeu que não conseguia sentar-se. Os pés nem sequer tocavam no chão. A gravidade da nave desaparecera.

— Merda — resmungou Arrezó enquanto se arrastava com dificuldade ao longo da parede, tentando encontrar alguma coisa onde se agarrar. — Devem ter usado uma espécie qualquer de impulso magnético para baralhar a gravidade e sabe Antares o que mais. Mills, reverter a rota! — gritou para o piloto antes de se virar para Vesper. — Encontra a nave que nos atacou, *imediatamente*. Tenho de alertar a Academia.

— Já estou a tratar disso. — Vesper afastou-se da parede e conseguiu enroscar as pernas na base da cadeira durante tempo suficiente para prender o arnês. Aumentou e diminuiu os ecrãs do radar, examinando as áreas circundantes de todos os ângulos, mas não encontrou sinais de movimento em lado nenhum. *Para onde diabo foram eles?*

— Arran, consegues ver alguma coisa? — Não teve resposta. — Arran?

Quando se virou para trás, para tentar ver a cadeira de Arran, o arnês enterrou-se nos ombros. Certamente teria regressado ao seu posto depois de ouvir o comando de Arrezó. Mas para seu espanto, o lugar dele estava vazio.

— Arran? — chamou novamente, virando-se depois na direção contrária. Pelo canto do olho, conseguiu ver a forma de um corpo parado, a flutuar junto à entrada da ponte. — Arran!

Vesper abriu o arnês, agarrou na cadeira para ter um ponto de apoio e deu um impulso com os pés contra a parte de trás, lançando-se com força. O movimento permitiu-lhe cobrir quase metade da distância entre si e Arran, mas não queria ficar enalhada a flutuar no meio da cabina; por isso, recorrendo a uma técnica que aprendera durante as muitas horas que passara a treinar na sala de gravidade zero, aterrou agachada e voltou a dar o máximo impulso, aterrando levemente ao lado de Arran. Entalou o pé na passagem de acesso às escadas e conseguiu segurar-se no lugar.

Arran estava a flutuar a poucos centímetros do chão, entalado por baixo de um pedaço de metal que se soltara do teto.

— Arran — murmurou Vesper, enquanto lhe apertava suavemente o ombro. Ele estava de olhos fechados e a pele tinha um tom acinzentado. — Estás bem? — As palavras mal tinham saído da sua boca quando viu o sangue a surgir na perna de Arran. Vesper engoliu em seco à medida que o seu olhar seguia o sangue até à origem — um pedaço de metal irregular espetado na coxa de Arran.

— Não... — Levou os dedos ao pescoço do amigo. A pulsação ainda era forte. Só precisava de parar a hemorragia. — Preciso de ajuda aqui! — gritou.

— O que aconteceu? — perguntou a Capitã Arrezó enquanto se dirigia a eles, fazendo uma manobra semelhante à de Vesper.

— O Arran está ferido. Não sei bem o que fazer.

A Capitã Arrezó ajoelhou-se para lhe tomar o pulso.

— Solicito cuidados médicos ao Cadete Korbet — disse para o seu comunicador, antes de praguejar entre dentes. — O assistente médico está preso na enfermaria. A porta encravou. Tens de seguir as suas instruções e fazer o melhor que conseguires.

— O quê? — disse Vesper, fitando a capitã com horror. — Não faço a menor ideia do que estou a fazer.

— O controlo de missão está a chamá-la, Capitã — disse o piloto com a voz rouca.

— Tenho de voltar para ali — disse Arrezó. — Pede instruções pelo teu monitor. Se alguma coisa correr mal, estou mesmo ali à frente. — Lançou-se novamente em direção ao centro de comando, deixando Vesper sozinha com Arran.

— Ajudem-me, por favor — disse para o seu monitor.

— *Modo de emergência ativado. Por favor, aguarde instruções.*

— Oh, por Antares, Arran — murmurou Vesper, apertando a mão dele. — Por favor, aguenta-te. Por favor.

— *Os exames mostram que a sua pele contém um número reduzido de micróbios nocivos. Pode remover o objeto estranho da perna do paciente.*

O estômago de Vesper contorceu-se quando olhou para o pedaço de metal espetado na coxa de Arran.

— Ele vai sentir dor?

— *A dor não durará muito tempo.*

Tinha o coração aos pulos e sentiu o suor a começar a acumular-se nas palmas das mãos. Quase as limpou ao

casaco, mas impediu-se a tempo. Não podia arriscar contaminá-las mais.

— Muito bem, Arran. Vou fazer isto o mais depressa possível e depois acaba. Vai ficar tudo bem, prometo.

Cautelosamente, pousou uma das mãos no objeto, que parecia uma parte do sistema de filtração, ajustando o ângulo da mão algumas vezes antes de a apertar com força. Ancorou-se à parede com um pé, depois respirou fundo e, cerrando os dentes, puxou. O pedaço de metal saiu com facilidade e as pálpebras de Arran mexeram-se, mas não se abriram. Vesper largou o metal e deixou-o a flutuar no ar.

— Muito bem. O que faço a seguir?

O seu monitor deu-lhe instruções para criar um torniquete improvisado, que prendeu à volta da perna de Arran, mesmo por cima do ferimento.

— Vesper — disse ele, zozzo, quando abriu os olhos. O rosto já tinha um pouco mais de cor, graças a Antares. — O que se passa?

— Houve um ataque e ficámos sem gravidade. Vou ajudar-te a regressar ao teu lugar.

— Não. — Ele abanou a cabeça com um esgar. — Tenho de encontrar a Sula.

— De maneira nenhuma. Tu quase te esvaíste em sangue!

— *Aviso: nível de oxigénio — baixo* — uma voz calma e automatizada ouviu-se através das colunas à medida que as luzes começavam a piscar. — *O Sistema de Apoio à Vida foi comprometido.*

O SISTEMA SOLAR ESTÁ EM RISCO. A GUERRA ESTÁ A CHEGAR.
NO ENTANTO, NA ACADEMIA FROTA QUATRA,
NINGUÉM ESTÁ PREPARADO PARA O QUE AÍ VEM!

Orelia está presa. É a baixa mais recente da guerra entre os quattranos e os spectars. Quando o segredo dela é revelado, a jovem cadete passa a ser tratada como aquilo que ela é: uma traidora.

Mas o seu segredo vai abalar muitas das crenças dos quattranos e acordar muitos inimigos adormecidos. Quando Orelia é enviada de volta para o seu povo, numa missão sensível e com tudo para dar errado, vai precisar da ajuda dos amigos **Vesper**, **Arran** e **Cormak** para sobreviver... e para salvar toda a Academia.

Mas será que eles ainda estão do seu lado? E quem será o traidor que está a tentar sabotar a Academia?

Numa luta contra o tempo, estes quatro cadetes terão de ultrapassar obstáculos, quebrar regras e arriscar a vida. E, quando a guerra chegar, terão de se agarrar ao que há de mais precioso: a amizade.

DA MESMA AUTORA:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-697-0



9 789896 686970

Ficção Científica